

REVISTA MODERNA (1897-1899): Um Correio Ilustrado Oitocentista

Andreza dos Santos Flexa*

Resumo: O objetivo do presente trabalho consiste na apresentação da trajetória da *Revista Moderna*, propriedade do brasileiro Martinho Arruda Botelho, publicada em Paris, para circulação exclusiva no Brasil, entre os anos de 1897 e 1899. Trata-se de uma revista literária e de variedades, um correio ilustrado produzido em papel *couché*, com aproximadamente 36 páginas, que possibilitou a circulação e difusão de textos de diversos autores, antes mesmo de terem sido impressos em livros. Isso posto, apresentaremos a referida revista focalizando questões pertinentes à sua estrutura material, além de uma breve apresentação dos estudos que vem se utilizando da *Revista Moderna* como fonte de pesquisa. Pretendemos oferecer também aos interessados em pesquisas com fontes primárias a nossa visão acerca da polêmica entre Machado de Assis e Eça de Queirós publicada na revista, assim como demonstrar a importância dessas páginas para a promoção de obras e autores, sobretudo de brasileiros e portugueses, do final do século XIX.

Palavras-chave: Século XIX. *Revista Moderna*. Fortuna crítica. Eça e Machado.

Abstract: The purpose of this article is to present the *Revista Moderna*, owned by Martinho Arruda Botelho, published in Paris for circulation in Brazil, between the years 1897 and 1899. It is a literary and variety magazine, an illustrated mail produced in paper *couché*, with approximately 36 pages, that allowed the circulation and diffusion of texts of several authors, even before they were printed in books. That said, we will present the aforementioned journal focusing on issues pertaining to its material structure, as well as a brief presentation of the studies that have been used in the *Revista Moderna* as a research source. We also want to offer those interested in researches with primary sources our views about the controversy between Machado de Assis and Eça de Queirós published in the magazine, as well as to demonstrate the importance of these pages for the promotion of works and authors, especially Brazilian and Portuguese, late century XIX.

Palavras-chave: Century XIX. *Revista Moderna*. Critical Fortune. Eça e Machado

INTRODUÇÃO

A impressão e circulação de bens culturais no início dos oitocentos no Brasil eram controladas pela censura régia, a qual temia discursos “sediosos e incendiários,” que intentavam “perturbar a harmonia estabelecida em todas as ordens do Estado e

* Mestranda do programa de pós-graduação em letras da UFPA e professora efetiva do IFPA- Campus Marabá Industrial. E-mail: andsflexa@hotmail.com.

introduzir a anarquia”. (NEVES, 2000; BARBOSA, 2010, 39). Contudo, o século XIX viveu um período de intensa circulação de impressos entre a Europa e o Brasil, marcado pelo aprimoramento da tecnologia gráfica, da evolução dos meios de comunicação, de transporte e pela expansão do público leitor. (ABREU, 2011, p.121).

A circulação de ideias críticas, políticas e literárias no Brasil aumentou a partir da instalação da *Impressa Régia*, no século XIX, o que tornou a prática de impressão uma atividade regular, acarretando no aumento do número de impressos e da circulação da cultura transatlântica no país, apesar de haver a censura e o controle sob os impressos que circulavam no Brasil.

A partir de 1821, com a criação do decreto de abolição da censura, ampliou-se o número de periódicos brasileiros editados no país e em outras províncias. Em janeiro de 1822 D. Pedro proíbe o anonimato das obras afim de que houvesse um responsável pelo conteúdo. (BARBOSA, 2010, p.40). Em 1824 a constituição declara que toda a reponsabilidade dos abusos cometidos nos impressos deveria ser penalizada de acordo com a lei. Tal dispositivo passa a ser integrado ao código criminal permanecendo até 1890. (NEVES, 2000; BARBOSA, 2010, p.41.).

Nesse período de transição e de profundas transformações sociais, o desenvolvimento de periódicos intensificou-se quando os mais renomados jornais modificaram o seu formato. Proliferavam, por exemplo, os periódicos ilustrados os quais, de acordo com Silva (2012, p.1), “tiveram uma importância decisiva no intercâmbio cultural luso-brasileiro, funcionando como mediadores entre realidades diferentes.” Em suma, as revistas ilustradas viabilizaram a propagação das ideias e modas estrangeiras no país, pois favoreceram o diálogo e as trocas culturais com a Europa e imprimiram em suas páginas questões políticas e culturais.

A luso-brasileira *Revista Moderna* (1897-1899), por exemplo, apareceu entre os empreendimentos criados para fins de “estreitar relações” entre os brasileiros e os portugueses e dar a conhecer a cultura de cada um desses dois países, por meio de páginas luxuosas e repletas de ilustrações feitas pelas técnicas mais modernas do período, bem

Littera Online

n. XIX, 2019

Programa de Pós-Graduação em Letras | Universidade Federal do Maranhão

como, para satisfazer a “necessidade de uma informação completa e ilustrada, sobretudo o que atualmente interessa ao espírito público.” (*Revista Moderna*, editorial, 1897).

Imagem 1: *REVISTA MODERNA*



Fonte: Imagem extraída da Hemeroteca digital da biblioteca nacional

Com redação e administração em Paris, a *Revista Moderna* iniciou suas atividades em 15 de maio de 1897, circulou durante dois anos consecutivos, até abril de 1899, quando totalizou 30 números. Em cada número, a revista trazia uma seção explicando o que seria impresso na próxima edição, além de quase sempre vir ilustrada com fotografias de personalidades ilustres, de Portugal ou do Brasil, ou com suplementos

de moda, também ricamente ilustrados, resultado dos últimos e aperfeiçoados processos da tipografia e da gravura para atender as exigências do mercado periodístico da época.

Fundada e dirigida por Martinho Carlos de Arruda Botelho a *Revista Moderna* contou com a colaboração de Eça de Queiroz e de “um grupo de redatores escolhidos dentre os mais notáveis da nossa literatura” (*Revista Moderna*, editorial, 1897). O empreendimento de Martinho Botelho almejava ser apenas um veículo literário sem que suas páginas servissem de cenário para discussões políticas ou econômicas.

A recepção da *Revista Moderna* em fontes primárias contemporâneas ao periódico

Como outros periódicos luso-brasileiros da época, a *Revista Moderna* prometia ser um elo entre os dois países, tendo como público-alvo os barões do café, os quais dividiam-se entre o Brasil e as capitais europeias (MARTINS, 2000, p.52). Mas a revista, por diversas vezes, transformou-se em um veículo de ideias críticas, políticas e literárias oitocentistas.

No período em que circulou, a *Revista Moderna* obteve enorme aceitação, sobretudo por um público mais amplo e ávido por informações, conforme se pode observar na informação extraída do o jornal *O Estado de São Paulo*, publicado quinze dias após o aparecimento da revista no cenário brasileiro:

Em Paris vai ser publicada uma revista luso-brasileira denominada *Revista Moderna*. Será escrita em português e entre seus colaboradores estão os senhores Eça de Queirós, Domício da Gama, Arruda Botelho e Luís Serra. (*O Estado de São Paulo*, 30 de maio de 1897)

Continuando com a recepção do novo empreendimento luso-brasileiro, a *Revista Brasileira*, sob direção do crítico literário José Veríssimo, informa o recebimento dos números iniciais da *Revista Moderna*, no Tomo XIII, de 1898:

Em Paris começou a ser publicada em maio do ano passado um interessante *magazine* ilustrado em português, sob a direção do nosso compatriota Sr. Manoel Botelho. Tem o título, que plenamente justifica de *Revista Moderna* e conta entre os seus mais assíduos colaboradores, além do eminente romancista português o sr. Eça de Queirós, alguns

nomes estimados e queridos dos leitores da *Revista Brasileira*, como Domicio da Gama e Magalhães de Azeredo. Recebemos os primeiros números. (*Revista Brasileira*, janeiro de 1898, p.112).

Conforme se pode observar, a *Revista Brasileira*, além de informar sobre o aparecimento e a circulação das edições da *Moderna*, apontou quem estava à frente desse Correio Ilustrado, o brasileiro Manoel Botelho, assim como o seu principal colaborador o escrito português Eça de Queirós, assim como outros nomes que, inclusive, colaboravam com a anunciante.

Além dos impressos citados, outras fontes primárias também trouxeram informações acerca da *Revista Moderna* no mesmo período em que ela circulou, como se pode verificar na tabela a seguir:

Quadro 1 – recepção da Revista Moderna no período em que a circulou

Periódico	Data	Gênero	nº
<i>O Estado de São Paulo</i>	30 de maio de 1897	Jornal	87
<i>Gazeta de notícias</i>	26 de maio de 1897	Jornal	146
<i>Revista Brasileira (RJ)</i>	Janeiro à março de 1898	Revista	13
<i>Jornal de Recife (Pe)</i>	07 de abril de 1899	Jornal	07
<i>Revue des Revue</i>	01 de outubro de 1897	Revista	1222

Fonte: Elaboração própria.

Os cinco periódicos elencados no **Quadro 1** tratam-se de publicações nacionais e/ou estrangeiras da segunda metade do século XIX, que circularam concomitante com a *Revista Moderna*. Os periódicos que apresentaram informações a respeito da *Revista Moderna* e própria revista encontram-se digitalizados e disponíveis nos espaços de leitura, por exemplo, na Hemeroteca Digital.

No que se refere ao jornal carioca *Gazeta de Notícias*, a *Revista Moderna* ganhou destaque na publicação que circulou no dia 26 de maio de 1897, na coluna “novas

publicações”, aparecendo em meio as novidades literárias e os anúncios de impressos que se vendiam nas livrarias do país:

“Revista Moderna”

Entre as últimas notícias de Paris uma que deve interessar particularmente aos nossos leitores é a da fundação de uma revista ilustrada destinada ao Brasil e cujo o primeiro número deve ter aparecido naquela cidade no dia 15 do corrente. Essa publicação, que ocupa o meio termo entre o magazine mensal e a ilustração hebdomadária, tem por fim dar em 24 páginas in- 8º. grande uma resenha ilustrada da quinzena, e artigos redigidos de maneira que o leitor se divirta instruindo-se. A empresa está sob direção do senhor M. Botelho. Entre os seus redatores assíduos figura nosso eminente colaborador Eça de Queirós, que vai distrair em proveito dos leitores da revista uma parte da sua atividade quase exclusiva concentrada em trabalhos de longo fôlego. A colaboração literária promete um bom texto. A ilustração num centro artístico de primeira ordem não pode senão dar muito prazer pelos olhos aos leitores da Revista Moderna, que desejamos numerosos como as areias do mar e fiéis constantes como as estrelas do céu. (*Gazeta de Notícias*, 26 de maio de 1897.)

A *Gazeta* ainda reproduziu (prática comum à época), no dia 02 de agosto de 1897, o conto “José Matias”, de Eça de Queirós, publicado pela primeira vez na *Revista Moderna* em 25 de junho de 1897. Continuando com a *Gazeta de Notícias*, o jornal carioca deu grande folego à publicação luso-brasileira, anunciando o sumário de todos os fascículos da *Revista Moderna* recebidos das mãos da direção da revista, publicou a partir do dia 15 de agosto até 10 de março de 1899.

Na revista *Revue des Revue*, de origem francesa, a *Moderna* também foi apresentada com uma crítica de caráter elogioso, fazendo referência ao número em homenagem a Eça:

Revista Moderna – Esta bela publicação ilustrada em língua portuguesa, que é publicada a cada duas semanas em Paris, sob a direção de M. Botelho, publica uma edição dedicada ao grande romancista Eça de Queirós, o chefe da escola naturalista, um dos mestres do romance, contemporâneo na Europa. (*Revue des Revue*, 01 de outubro de 1897)

Verifica-se que Eça foi elevado como uma das grandes personalidades das letras portuguesas da atualidade e de todos os tempos não apenas na *Revista Moderna*

como também pela revista francesa *Revue des Revue*, esta afirmava a grandiosidade do escritor português o intitulado “chefe da escola naturalista”, e “mestre do romance”.

Enquanto os periódicos anteriores apresentam uma crítica mais elogiosa voltada aos escritores e intelectuais que publicaram na revista, o *Jornal de Recife* apresenta outra importante característica da *Moderna*:

Mudou-se o problema, que entra em seu estado normal, pois que o algodão barato importa ao bem estra da raça humana. Procuramos rapidamente entrar no conhecimento da situação, tão profundamente modificada pela guerra; esse trabalho não nos será difícil avista dos importantes artigos publicados por N. F. Cooking, na *Revista Moderna*. (*Jornal de Recife*, 07 de abril de 1899)

Conforme se pode observar, o *Jornal do Recife* destacou o caráter informativo da *Revista Moderna*, mostrando que ela se tornou referência na edição de assuntos que também interessavam ao espírito público do período, isto é, a visão mercadológica dos intelectuais acerca da economia do país (Brasil).

Creemos que o número de periódicos que publicaram críticas em torno da *Moderna* no final do XIX seja maior do que contabilizamos, isso por conta de haver nas páginas da própria revista uma seção que apresentava outros periódicos em circulação no período em que a *Moderna* circulava, contudo, muitos títulos não foram localizados, até onde nos foi possível averiguar.

A Revista Moderna na história da imprensa atual

A *Revista Moderna* teve seu lugar de destaque nos oitocentos, por isso, não deixaria de fazer parte na História da Imprensa, conforme se pode constatar em uma publicação renomada da área, que auxilia nas pesquisas da História do Livro e da Leitura no Brasil:

A *Revista Moderna*, impressa em Paris, em 1897, introduzia o que havia de mais avançado em periodismo, primando por elaboradas reportagens, coberturas de acontecimentos marcantes do tempo, geralmente ilustradas com desenhos tomados a partir dos acontecimentos, não se furtando ao sensacionalismo em voga. Como aquele de cena horripilante do incêndio do Bazar da Caridade em Paris,

em 4 de maio de 1897, causado por uma lanterna de cinematógrafo. A queda do toldo do pavilhão, como um lençol de fogo, vitimou figuras ‘pertencentes quase todas às camadas superiores, visíveis e decorativas da sociedade’, conforme o registro do jornalista Botelho. Mais que a descrição minuciosa do sinistro, a ilustração em *croquis* estampava uma cena de horror, trazendo corpos em desespero de dor, alguns já incinerados, espetáculo impactante naquelas páginas de mostruário habitualmente ameno e elegante. (MARTINS, 2001, p.109)

As considerações de Martins evidenciam que as técnicas da *Revista Moderna* estiveram entre as melhores ilustradas do gênero no final do XIX. A autora aponta também o quanto eram variados os assuntos publicados na revista, bem como a importância dessa revista para a promoção e difusão de textos de prosa de ficção antes das impressões em livros, foi o caso do romance “A ilustre casa de Ramires”, de autoria do escritor português Eça de Queirós, conforme a autora: “Entre os méritos da publicação, está o de veicular, pela primeira vez, a obra de Eça de Queirós *A Ilustre Casa de Ramires*, produzida especialmente para figurar em partes naquela revista, a exemplo dos folhetins nos jornais”.(p.110)

Embora este texto tenha oferecido apenas um pequeno recorte da produção da Martins, vale ressaltar que nessa publicação da autora a *Revista Moderna* ocupa um longo capítulo e, dentre os encontrados até o presente momento, se trata do mais abastado material em informações acerca do magazine ilustrado, pois não se basta à exposição de dados acerca da materialidade do impresso, mas também tece um conhecimento aprofundado sobre muitos aspectos de alguns números do periódico.

O lugar da *Revista Moderna* na contemporaneidade

Atualmente a *Revista Moderna* vem ganhando cada vez mais atenção dos pesquisadores brasileiros, tanto para os da área de Letras como para outros estudiosos, o que faz com que o número de trabalhos com a revista cresça consideravelmente, isso por conta da garantia de ampla possibilidade de investigação. Em nossa pesquisa localizamos, até o momento, três teses de doutorado, três dissertações de mestrado, quinze artigos acadêmicos, dois livros e mais seis materiais que fazem uso da *Revista Moderna* como

instrumento de apoio aos estudos da história da imprensa ilustrada, das relações literárias entre Brasil e Portugal, dentre outros temas.

Essas pesquisas têm se utilizado da *Moderna* como fonte secundária, contudo, localizamos alguns trabalhos acadêmicos em que a revista é o *corpus* principal (ou um dos principais), por exemplo, as dissertações de mestrado “A Revista Moderna (1897-1899): Uma publicação brasileira em Paris”, “As contribuições de Eça de Queirós na Revista Moderna” e “A figuração da personagem nas crônicas de Eça de Queirós: Textos de imprensa da Revista Moderna”, assim como a tese de doutorado intitulada “Entre dois tempos, entre dois mundos: uma revista luso-brasileira chamada Moderna (1897-1899)”

Outras fortunas críticas acadêmicas localizadas referem-se às edições de número nove e dez da *Revista Moderna*:



Esses números aludem à biografia sobre Machado de Assis, escrita por Magalhães de Azeredo, no número nove da revista, e à edição completa de homenagem a Eça de Queirós, no número dez. O número dez, talvez em resposta ao texto de Magalhães Azeredo, dedica toda a edição a Eça de Queirós, com vários artigos e uma

fotografia. A rivalidade entre os escritores já presenciada por ocasião da publicação de *O Primo Basílio* (1878) na imprensa brasileira, talvez explique essa coincidência ou não, uma vez que o número em homenagem a Eça já estava previsto desde o número dois da revista.

O certo é que o texto de Magalhães de Azeredo inicia exaltando Machado de Assis: “Celebrar a Machado de Assis é propriamente celebrar a dignidade e a elevação da obra literária”. Azeredo eleva a produção de Machado à universalidade ou mesmo à supremacia de toda a construção literária, comparando desde os textos poéticos e em prosa aos grandes nomes da Literatura mundial. Para ele, Machado é a completude do estilo e da singeleza da literatura:

Outra gloria não pede e não quer senão a que lhe vem da sua própria obra. Vasta é ela, e vária, distribuída em tão largo tempo, com sinceridade e perseverança, por quase todas as « províncias da literatura », como antigamente se dizia. Cultivar a poesia, o conto, o romance, o teatro, a critica, o folhetim, a crônica, tudo isso galhardamente; sendo pelo estilo um artista acrisolado, ser ainda um pensador, um humorista, um moralista, uma espécie de filósofo sem presunções, que, descuidoso de nos dar o seu sistema completo, nos dá tão só fragmentos soltos de filosofia; eis o que enche de brilho excepcional essa fecunda existência (...) (*Revista moderna*, 1897, n. 9. p. 35)

No texto, o estilo e a ironia da produção machadiana são comparados ao de Sterne, de H. Heine e de Anatole France, sempre superado pela graciosidade e profundidade dos personagens e linguagem inerentes ao brasileiro. Nem mesmo Eça escapa à comparação, pois, assim como Machado é um “demolidor de ilusões, aquele é um lusitano mordaz e “violento”.

(...) Portugal tem hoje o seu grande humorista: Eça de Queiroz; mas este não é porventura tão amargo no brilho violento e militante dos seus períodos, como Machado de Assis na mansidão quase ingênua com que expõe os seus trechos de doutrina. (*Revista Moderna*, 1897, n. 9. p, 36)

O texto finaliza afirmando que a grandiosidade e imortalidade de sua obra, além dos tipos muito bem caracterizados e do esmero com a linguagem, devem-se também:

a imensa vantagem de partilhar todos os gozos espirituais d'este século tão rico d'eles, sem ter saído nunca do seu recanto sul-americano; pois uma fina e rara intuição substitui na sua mente o proveito das viagens; de tal modo que o meio nacional, ou antes fluminense, dominante nas suas obras, adquire, através de tão especial temperamento, sem perder a sua exatidão, uma peregrina transcendência que o tornaria interessante para os estrangeiros como para nós mesmos.” (*Revista Moderna*, 1897, n. 9. p, 37)

Enquanto o “filósofo” Machado de Assis recebeu uma crítica de somente três páginas, embora merecesse quase toda a edição, conforme Magalhães de Azeredo, Eça foi elevado como uma das grandes personalidades das letras portuguesas da atualidade e de todos os tempos, num volume integral.

O certo é que, a publicação da crítica sobre a obra prosaica e poética de Machado o torna conhecido, em Portugal, como um escritor não apenas de poesia, mas também como um exímio cultivador de todas as formas literárias, uma vez que, segundo Raymond Sayer, Machado era muito mais conhecido como poeta do que como prosador. Prova disso é que na *Brasil-Portugal*, por exemplo, revista para qual o escritor também colaborou, aparecem apenas poemas e não os contos ou romances.

O número dedicado a Eça começa com um texto de M. Botelho, que, logo no início de sua apresentação, parece revidar a comparação entre Eça e Machado feita por Azeredo ao afirmar que:

Não temos de modo algum a pretensão ingênua do fazer figurar as nossas linhas como um prólogo mal colocado aos nomes festejados dos grandes mestres da poesia e da prosa, que são os únicos competentes para se pronunciarem sobre o mestre por excelência. (*Revista Moderna*, 1897, n. 10. p, 05)

O excerto enfatiza que a superioridade e sabedoria de Eça de Queirós colocaram a revista entre as melhores ilustradas do gênero tanto em Portugal quanto no Brasil, esse motivo justifica uma edição especialmente organizada para homenagear o criador literário e colaborador permanente da *Revista Moderna*.

Assim, nesse fascículo, muitos escritores e críticos se reuniram para exaltarem a grandeza de Eça: Eduardo Prado; Maria Amália Vaz de Carvalho; Xavier de

Carvalho; Oliveira Lima; Conde d'Arnos; Jr Batalha Reis; Trindade Coelho; Monteiro Ramalho; Conde de Ficalho; Magalhães de Azeredo; João da Câmara; Jayme de Séguier; Alberto Bramão; Henrique Lopes de Mendonça; Conde de Sabugosa; Mariano Pina; José Pessanha; Luiz de Magalhães; Alfredo da Cunha; Anthero de Figueiredo; Henrique de Vasconcellos; Domício da Gama; José Sarmento; Abel Botelho; Câmara Lima; Raymundo Corrêa; Domingos Guimarães; J. Pereira de Sampaio; Coelho de Carvalho e Luiz Serra.

Enquanto o texto de Azeredo elenca critérios estéticos e demonstra, por meio de excertos da obra de Machado, a superioridade daquele estilo, as críticas feitas a Eça são de cunho biográfico e laureador. Até mesmo aspectos da grafologia são suscitados para se afirmar que ordem e imaginação estão presentes na escrita do autor português, uma vez que “a ordem é a condição imperiosa da beleza, porque ela se chama também harmonia e é a própria beleza” (*Revista Moderna*, 1897, n. 10, p. 9). De acordo com essa “crítica grafológica”, a realidade do romance de Eça está no bem pintar, na ordem que inspiraria a imaginação e criaria os personagens de maneira tão realística, postos em relevo pelo traço bem feito das linhas lançadas no papel.

Mesmo a crítica que foi escrita por Azeredo a Eça de Queirós é muito mais de caráter elogioso e pessoal do que de caracterização do estilo literário, como a atribuída a Machado de Assis. Nesse sentido, o crítico brasileiro menciona, muito polidamente e eximindo-se de qualquer queixa, “por que Eça é, no Brasil, “tão lido e prezado” como em sua própria pátria. (*Revista Moderna*, 1897, n. 10, p. 19).

Somente em mais da metade do texto é que Azeredo começa a enumerar algumas características das obras de Eça ao afirmar a beleza com que este constrói os tipos em seus romances, chegando a compará-los com os personagens de Molière: “Outros, o Primo Bazilio, e o conselheiro Acácio, não são apenas tipos, têm a natureza mais vasta de caracteres, como Tartufo, como Don Juan, e são imortais como eles.” (*Revista Moderna*, 1897, n. 10, p. 19).

As edições citadas foram, inclusive, motivo do envio de correspondências do próprio escritor brasileiro Machado de Assis, como a que remeteu ao crítico literário José Veríssimo:

Para: JOSÉ VERÍSSIMO

Rio [de Janeiro], 1º de dezembro de 1897.

Meu caro José Veríssimo.

[...] O Paulo já lhe escreveu que as duas linhas que antecedem os versos do Magalhães de Azeredo trazem a minha assinatura. Este escreveu me anunciando um ensaio a meu respeito no último número da *Revista Moderna*. Sobre a mesma matéria publicou anteontem um livro de Sílvio Romero; vou lê-lo. [...]

Adeus meu caro José Veríssimo, meus respeitos à sua Excelentíssima Senhora e saudades do velho

M. de Assis.

Além das correspondências que foram trocadas entre Machado e Azeredo:

Correspondências

De: Magalhães de Azeredo
Para: Machado de Assis

“Agora se fundou aqui para o Brasil e Portugal um periódico – a *Revista Moderna* – que pela sua elegância de feitura, pela impressão, pelas ilustrações rivaliza com as melhores de Paris e é verdadeira novidade na nossa língua.”

Paris, 6 de junho de 1897.

De: Machado de Assis
Para: Magalhães de Azeredo

“Também recebi, mandados pelo editor, dois números da *Revista Moderna*, que me pareceram, literariamente e materialmente, muito bem feitos. Os dois contos do Eça de Queirós, *A Perfeição* e *José Matias* são lindos.”

Rio de Janeiro, 21 de julho de 1897

Fonte: Manuscrito Original, Arquivo ABL. 114, Avenue des Champs Elysées

Essa correspondência, além de outras de Machado falando sobre a *Revista Moderna*, encontra-se entre as reunidas em uma publicação da Academia Brasileira de Letras, intitulada “Correspondência de Machado de Assis: tomo III, 1890-1900”,

publicada no ano de 2011. No mesmo ano, Cintia Bravo de Souza Pinheiro³ publica sua pesquisa “A Revista Moderna: homens, fatos e retratos de um século que termina”, nos anais da I JORNADA OITOCENTISTA UERJ/USP:

Mesmo com a participação efetiva de Eça de Queirós, tão querido entre os leitores do Brasil e de Portugal, a *Revista Moderna* não consegue o sucesso esperado, inúmeras questões podem estar associadas ao seu repentino término. Em pleno domínio dos valores capitalistas a revista tornava-se, tanto para os seus leitores, quando para seus editores uma empresa muito cara (a revista avulsa custava 2 francos e a assinatura chegava a 40 francos anuais). (PINHEIRO, 2011, p. 50)

Nota-se que Cintia Pinheiro reconhece a grandiosidade da principal atração da revista, isto é, o colaborador Eça de Queirós, mas chama atenção ao fato disso não ter garantido a permanência prolongada à um empreendimento de tão alto custo como a *Revista Moderna*. Outros foram os trabalhos que fizeram uso da referida revista como fonte de estudos, conforme a representação no quadro abaixo:

Quadro 2. Trabalhos acadêmicos cujo o corpus principal é a Revista Moderna

Titulo	Tipo	ano
<i>As contribuições de Eça de Queirós na Revista Moderna</i>	Dissertação	2006
<i>Entre dois tempos, entre dois mundos: uma revista luso-brasileira chamada Moderna (1897-1899)</i>	Tese	2012
<i>A Revista Moderna (1897-1899): Uma publicação brasileira em Paris</i>	Dissertação	2000
<i>A Revista Moderna: fatos e retratos e um século que termina</i>	Tese	2006
<i>A figuração da personagem nas crônicas de Eça de Queirós: Textos de imprensa da Revista Moderna.</i>	Dissertação	2013

³ Doutora em Estudos Comparados pela Faculdade de Letras da Universidade Federal Fluminense.

Fonte: Elaboração própria, com base no Banco de Teses e dissertações da capes

Infelizmente não foi possível, nesta ocasião, esgotar as fontes pesquisadas que tratam da *Revista Moderna*, por certo, o restante ficará para outro momento. Entretanto, por meio do panorama apresentado até aqui, se pôde ter uma ideia de como vem sendo abordada a *Revista Moderna*, desde o seu aparecimento no século XIX até os dias atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Revista Moderna* serviu de instrumento difusor de cultura, viabilizando a propagação das ideias e modas estrangeiras no Brasil e possibilitando a circulação e difusão de prosas de ficção antes mesmo de serem impressas em livros, os números publicados nos permitem melhor visualização de como se compôs o cenário intelectual brasileiro no final do século XIX em revistas, além da possibilidade de conhecermos os diversos sujeitos históricos envolvidos na produção, divulgação e circulação da cultura por meio desse impresso (autores, tradutores, adaptadores, obras, etc.), bem como, os romances que se tornaram livros após terem sido recebidos e publicados pela *Revista Moderna* e a recepção desta pelo público brasileiro, serviu de instrumento difusor de cultura, viabilizando a propagação das ideias e modas estrangeiras no Brasil e possibilitando a circulação e difusão de prosas de ficção antes mesmo de serem impressas em livros. A *Moderna* permitiu melhor visualização de como se compôs o cenário intelectual brasileiro no final do século XIX em revistas. Por este motivo, a crítica gira em torno da recepção da *Revista Moderna* pelo público brasileiro e do que foi publicado e/ou de quem publicou nela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. Circulação de livros no Brasil nos séculos XVIII e XIX. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação 21**, 1998.

_____. A Circulação Transatlântica dos Impressos. A Globalização da Cultura no Século XIX. LIVRO. IN: **Revista Do Núcleo De Estudos Do Livro E Da Edição**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011. Disponível em: <http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/arquivos/ensaio.pdf>. Acesso em: 15/10/2017.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil – 1800 – 1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

MARTINS, Ana Luíza. **Revistas em revista - imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: Edusp / Fapesp / Imprensa Oficial do Estado, 2001.

Pereira, Carlos José. **As contribuições de Eça de Queirós na Revista Moderna**. Dissertação de Mestrado. UNESP, 2003.

PINHEIRO, Cintia Bravo de Souza. **Entre dois tempos, entre dois mundos: uma revista luso-brasileira chamada Moderna (1897-1899)**. Tese (Doutorado em Literatura comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012.

ROUANET, Sergio Paulo (coordenação e orientação). **Assis, Machado de, 1839-1908. Correspondência de Machado de Assis: tomo III, 1890-1900 organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério**. – Rio de Janeiro: ABL, 2011.

FONTES PRIMÁRIAS

Revista Brasileira. Tomo XIII. Editora: Sociedade, janeiro a março de 1898. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/139955/per139955_1898_00013.pdf.

Gazeta de Notícias, 1875-1900. Fundação Biblioteca Nacional

Revista Moderna (1897-1899), Biblioteca Lúcio de Mendonça, ABL